

Prémio Nóbel

Susana Sánchez Arins

Ninguém sabe mas, na realidade, eu sou uma poeta medíocre. Não, não é falsa modéstia nem *humilitas* retórica. A verdade tem um caminho: os versos nascem tal qual os vejo. Sem aditivos nem revisões. De súbito sei qual é a palavra certa porque a visualizo. Como podó contemplar agora mesmo o degradado das folhas do ficus, ou a mosca a inspecionar o caderno em que escrevo. Palavras corpóreas e nítidas. A falta de dificuldade, é claro, foge o reptó, instalo-me no facilismo e chega a escrita acomodada. Sou, sou uma poeta medíocre.

Quero escrever sobre estes dias de quarentena. Sento no jardim. Repouso na rede, deitada, e observo os pássaros. Levam a acompanhar-me todo o confinamento. Quase aprendi a diferenciar os seus chios ao tempo que deslambrei os falares humanos. Vou-nos meter no poema. Atendo ao esvoaçar dos pardais. Andam da silveira para o cabo da luz, do cabo da luz para o ninho nas telhas para as sementes de flores recém semeadas. Pousa a carriça na pola da figueira. Canta como não sabem os pardais: eles nem atendem, pendentes só de voar, da silveira ao cabo ao ninho à semente ao cabo.

Foco a vista. E aparece essa minha capacidade que ninguém conhece e só hoje confesso. Com um mui pequeno esforço podó ver o corpo da carriça como se eu a estiver a acompanhar no ramo. Eu lá, pousada com ela. Uma aireja remove as suas plumas, as da nuca. Meto a vista entre elas, justo onde o corpo passa de ser cinza a ser creme, e sinto o abrigo nos olhos. A quentura que dá o vento, preso entre as penas. Abre e pecha o bico e eu consigo ver a sua linguinha tremelicar. Melodia dos dias gastados. E percebo os pardais como ela os percebe: quadrilha louca a pregoar a sua irmandade perante nós, as solitárias.

Mas não é este reduzir o macro a micro que os meus olhos conseguem, o que faz nascer os meus poemas. Não. Porque igual que podó ver o afastado perto, podó internar-me no fundo mais fundo do achegado. Não são raios-x o que tenho nas meninas. É mais a capacidade de me adentrar no minúsculo e vê-lo todo, absolutamente todo, desde essa mesma escala.

E, ainda deitada na rede, escrevo no caderno o primeiro verso. E assim como escrevo entro nele. Foco a vista e consigo meter-me em cada uma das palavras, como antes entre as plumas da carriça. Passeio polo interior de *bandos*, por exemplo. Na coluna enorme do “bê” vejo pousados não só pardais, mas também algumas andorinhas e mesmo uma xílgara. Abre-se o “o” como boca para mim, e sinto o pregão nas praças, o assobio e a nova recém chegada da capital, do mundo, do fora. Diz bem com o chiar da passarada. Deslizo o olhar polas sinuosidades do “s” e chegam a mim as velhas leituras, aquela carta do achamento do brasil, com os seus papagaios anunciadores do ouro e os índios a achegarem-se à novidade, como pardais ao cevadoiro, dizia pero vaz caminha. Pois. Há de ser *bandos* e não *quadrilha* a palavra exata para o poema.

Faço o mesmo quando escrevo *pátio* e não *jardim*. As duas palavras valem para o espaço da minha casa, murado em pedra embora a gardénia e as roseiras. Mas ao focar os olhos, no jardim

só nascem arrecendos, colados a esse “a” oculto entre hortênsias e a esse “d” com o tato exato dos ramos da erva-lúcia. Não o pátio, não. O pátio acolhe na barriga do “p”, assim o vejo, o recreio da prisão, com as condenadas a dar voltas e voltas trajadas todas com as mesmas plumas acastanhadas e o os mesmos peteiros grossos e grises. Ouh, sim, é *pátio* a palavra para um confinamento, humanas engaioladas, lazareto de aves.

Desta maneira vou vendo todos e cada um dos vocábulos até eles pousar, ligeiros, onde querem, após balouçarem como fio de algodão no ar.

#Passer domesticus

barulhentos bandos recorrem o pátio
como cardume
nuvem em dança.

no arame pousa minguada carriça.
pinga isolada
que nem salpica.

É tão fácil crescer o poema. Mas é toda questão corporal. Estes olhos hiper-desenvolvidos. Com umas quantas olhadelas, ao interior de mim, ao interior das letras, os versos emergem sem eu quase dar por isso, como não somos cientes de focar e desfocar a vista para passar da nuvem à flor, do lagartinho na pedra ao padrao na unha do dedo maiminho. É como o respirar. Automatismo de cerebello.

Sim, sou uma poeta medíocre. Como vou aceitar essa honra, esse reconhecimento!